

Uma leitura pascal da pandemia: A carta do papa Francisco ao clero de Roma

Vinicius Pimentel Baquer¹

Resumo: No dia 30 de maio de 2020, Francisco enviou uma carta ao clero de Roma. Na ocasião, o papa apresentou uma reflexão, à luz das narrativas da ressurreição, sobre o lugar e missão da Igreja no tempo presente. Propõe-se oferecer uma análise, a partir da carta, que ultrapasse seus destinatários originais pois, na mesma, Francisco reassume as principais vertentes de seu magistério, numa espécie de síntese, a saber: 1) a centralidade da vida e missão de Jesus Cristo, bem como a alegria do encontro com o ressuscitado em *Evangelii Gaudium*; 2) a impossibilidade do domínio técnico absoluto do homem sobre toda a realidade criada em *Laudato Si*, e o mistério do sofrimento humano; 3) a fraternidade oriunda da comunhão eclesial em *Gaudete et exsultate* como sinal e germe da fraternidade universal. A conclusão visa salientar que uma leitura pascal da pandemia não resulta em simples abstração; antes, é caminho de conversão pastoral, na linha de renovação eclesial, desejada pelo Papa Francisco e hermenêutica viável, um ano depois, quando a pandemia deixa marcas mais profundas com o número crescente de mortos, desemprego, aumento da pobreza e dos casos de violência contra vulneráveis.

Palavras-chave: Papa Francisco. Renovação Eclesial. Pandemia. Leitura Pascal.

INTRODUÇÃO

Francisco é o Bispo de Roma e, como todos os demais bispos, dirige palavras de exortação aos membros de seu clero. Entretanto, justamente pela função que desempenha, suas palavras, ainda que dirigidas à um público específico, ganham proporções que o ultrapassam. Sendo Papa, suas palavras dizem algo para toda a Igreja. Sendo o Papa Francisco, suas palavras estão grávidas de um projeto de renovação eclesial que se iniciou no Concílio Vaticano II e que vê, em seu magistério, um novo florescer.

No dia 30 de maio de 2020, por ocasião da solenidade de Pentecostes, impossibilitado de celebrar junto com os membros do clero e o povo de Deus, Francisco dirige uma carta a todos os padres da Diocese de Roma. Destaca-se, em primeiro lugar, a preocupação de pastor que é muito própria a Francisco. Como bispo, fala aos membros de seu clero, mas também ao povo de Deus, em linguagem firme, mas afável. Sua mensagem é, sobretudo, de esperança em tempos sombrios. A pandemia da Covid-19 assaltou toda a humanidade em proporções inimagináveis. E o Papa da Igreja em saída se questiona sobre como ser uma Igreja em saída em tempos de distanciamento social.

Sua carta, bem como os demais documentos por ele escritos, está metodologicamente estruturada sobre um tripé fundamental: escuta da realidade (*auditus temporis*) – escuta da fé (*auditus fidei*) – reflexão e proposta de ação (*intellectus fidei et actionis*). Assim, Francisco toma a iniciativa de escrever a carta após diligente escuta dos padres de sua diocese. Afirma

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis; Graduando em Teologia (7º período) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE.

que foram tais partilhas que o possibilitaram “conhecer de ‘primeira mão’ o que viviam”. Sua escuta diligente da realidade é iluminada pela Palavra de Deus,² e, por isso mesmo, propõe pistas para a ação da Igreja diante das novas realidades.³

Iluminado pelas narrativas da Ressurreição, Francisco apresenta uma reflexão do atual momento que abraça de forma ampla todo o caminho de renovação eclesial. Com efeito, Francisco faz uma leitura dos sinais dos tempos e interpreta-os na esteira da fidelidade ao projeto de Jesus. Os temas fundamentais de seu magistério fazem-se presentes no correr da carta e apontam para um caminho ainda a ser trilhado. Como discípulos de Jesus, o Papa compreende que os tempos de crise constituem locais privilegiados para o encontro com o Ressuscitado e com os irmãos. Assim a carta abre perspectivas para uma ação pastoral renovada, bem como uma autocompreensão eclesial que seja mais fidedigna ao Evangelho e às inspirações do Espírito no tempo presente.

1 DO RESSUSCITADO À COMUNIDADE DOS RESSUSCITADOS

O episódio da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus constitui o centro da mensagem Cristã. Os quatro evangelhos o apresentam, cada qual segundo uma teologia que lhe é própria, como o ponto alto e realização de Jesus em sua vida humana. Nos sinóticos como uma caminhada rumo a Jerusalém para sofrer a Paixão; em João vai a Jerusalém porque chegou a sua hora de ser glorificado. Em todos eles reafirma-se a centralidade da Páscoa de Cristo como evento fundante da fé da comunidade cristã.

O encontro com o Ressuscitado marca a passagem da imobilidade oriunda do trauma da cruz, à intrépida atividade missionária dos discípulos, ao ponto de entregar a própria vida, se necessário fosse. A ressurreição de Jesus é o coração do querigma e é à luz da Páscoa que a comunidade cristã revisita a vida de Jesus de Nazaré, que foi crucificado, mas que foi ressuscitado por Deus.⁴ Este encontro rompe com a auto-referencialidade (EG⁵ 8), expressada no medo dos apóstolos ao estarem em um lugar fechado após a morte de Jesus (Jo 20,19), e projeta os discípulos num dinamismo de saída. Nas palavras do Ressuscitado: “como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21).

O envio missionário dos discípulos é retratado pelo evangelista João como uma missão eclesial. O Ressuscitado, na tarde da Páscoa, deseja-lhes a paz e, após soprar sobre eles,

2 Escrevo-lhes olhando a primeira comunidade apostólica que também viveu momento de confinamento, medo e incertezas (Francisco. *Lettera del Santo Padre Francesco ai Sacerdoti della Diocesi di Roma*. <[Lettera del Santo Padre Francesco ai Sacerdoti della Diocesi di Roma \(vatican.va\)](https://www.vatican.va/holy_father/francesco/letters/apostolic_letters/2016/04/20160403-lettera-ai-sacerdoti-di-roma.html)> acesso em: 04 de abril de 2021).

3 Animado por estes intercâmbios, lhes escrevo porque quero estar mais próximo de vocês para os acompanhar, compartilhar e confirmar vosso caminho. A esperança também depende de nós e exige que nos ajudemos a mantê-la viva e operante; essa esperança contagiosa que se nutre e fortalece no encontro com os demais e que, como dom e tarefa, é-nos dada para construir esse novo “normal” que tanto desejamos. (Ibid. *Ibid.*)

4 At 2,22-36; 3,13-15; 4,10; 5,30-32; 10,37-43; 13,27-33; 1Cor 15,3-9.12-13.20; Gl 1,1; Ef 1,20; Ef 2,4-6; Fl 2,6-11; 1Ts 1,10.4,14; 2Tm 1,10; 1Pd 1,3-4.21;

5 *Evangelii Gaudium*

confere-lhes o Espírito Santo (Jo 20,21-22). O sinal que certifica essa efusão do Espírito é a capacidade de perdoar os pecados. A missão de Jesus é uma missão de salvação (“ele salvará o seu povo de seus pecados” cf. Mt 1,21b), reconciliar o homem com Deus (1Cor 5,19), por meio da congregação de um novo povo (Mc 3,13). Os discípulos, na tarde do primeiro dia da semana, recebem o Espírito Santo, que animava o Cristo em sua missão, e que é o Espírito do Ressuscitado. Doravante, cabe a Igreja continuar na terra a missão do Cristo, expressado sobremaneira na fala do Ressuscitado “a quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados” (Jo 20,22a).

Assim, a Igreja irrompe no horizonte dos tempos como o corpo histórico do Ressuscitado. A congregação dos fiéis, pelo Espírito Santo, é o novo Povo de Deus (Ef 2,14), semente de uma nova humanidade, continuadores da obra redentora de Jesus Cristo. No Batismo, todos os fiéis são inseridos no Mistério de Cristo e, por isso mesmo, desempenham em suas vidas singulares aquilo que professam comunitariamente (Rm 6,4). A Igreja é o Povo de Deus na história, sinal de salvação no mundo, comunidade dos ressuscitados em Cristo (Ef 2,4-6).

Leão Magno, ao comentar sobre a presença de Cristo na Igreja, pelos sacramentos, expressou que “o que no nosso Salvador era visível, passou para os seus mistérios”.⁶ O Concílio Vaticano II nos recorda na Constituição *Sacrossanctum Concilium*, que “Cristo está presente sempre em sua Igreja” (SC n.7) e que as ações litúrgicas constituem uma das formas pela qual ele se encontra aí presente. O mesmo Concílio, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* recorda-nos que “Assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho, a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação” (LG n.8).

Bento XVI, em um discurso ao episcopado brasileiro, recordou-nos que “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho.”⁷ Francisco, em *Evangelii Gaudium*, afirmou que, por consequência desta preferência da evangelização, a aproximação dos pobres e marginalizados, bem como, “a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade” (EG n.186), é parte irrenunciável da vocação eclesial. O querigma possui um conteúdo inevitavelmente social (EG n.177) e, a partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora (EG n.178).

Assim, porque a Igreja é a comunidade dos ressuscitados em Cristo, continua nessa terra a vida do Ressuscitado. Cada fiel, seja ele leigo ou clérigo, deve configurar sua vida a vida do Cristo (Gl 2,20). A existência da comunidade cristã deve ser uma existência pascal. É uma existência de passagem, de saída, de ruptura com as realidades de morte para adentrar numa realidade de vida.

6 São Leão Magno, *Sermão* 74. 2: CCL 138A, 457 (PL 54, 398)

7 Bento XVI, *Discurso durante o encontro com o Episcopado Brasileiro* (Catedral de São Paulo – Brasil, 11 de Maio de 2007), 3: AAS 99 (2007), 428.

2 DO HOMEM DAS DORES ÀS DORES DOS HOMENS

A presença do Ressuscitado na Igreja é uma recordação constante de que a ressurreição só é possível passando pela cruz. A vida de Jesus de Nazaré encontra ressonância na vida da Igreja que é convidada a caminhar na estrada de Jesus.

O mistério da dor e sofrimento acompanha o homem em sua caminhada na história e diversas foram as tentativas de dar uma resposta à dor da humanidade. A Bíblia não nos oferece uma teologia elaborada e especulativa sobre a origem do mal, mas apresenta-nos a solicitude de Deus para com os sofrimentos do homem. No livro do Gênesis Deus escuta o clamor do sangue de Abel, assassinado injustamente por Caim (Gn 4,10). No livro do Êxodo Deus escuta o clamor de seu povo e vem socorrê-lo (Ex 3,7). Quando o povo sente fome, o Senhor move-se de compaixão e dá-lhes o alimento necessário para cada dia (Ex 16,2-5). Nos livros de Josué e Juízes, quando perseguidos pelos povos estrangeiros, Israel clama ao Senhor Deus e este prontamente escuta-o, enviando líderes que ajudem o povo no processo de libertação da opressão vivida.⁸

Deus socorre Israel em suas aflições para recordá-lo que, assim como ele age em favor de seu povo, também os membros desse povo devem assim agir no trato de uns para com os outros. É emblemático o imperativo do Deuteronômio que diz “não haja pobres no meio de ti” (Dt 15,4), mas, porém, se houver “não endureças teu coração, nem feches tua mão a teu irmão pobre” (Dt 15,7). Deus salva Israel em suas dores para que Israel seja comunidade de salvação para todos os homens e mulheres em suas dores.

A história, entretanto, foi outra. A realidade do pecado e da maldade do coração do homem fez-lhe fechar os olhos às dores e sofrimentos dos irmãos. A teologia da retribuição perde suas referências originais e, doravante, os pobres e doentes são rejeitados em seus sofrimentos, tidos em conta de malditos ou pecadores. A teologia da retribuição distancia Deus do povo de Israel. Ele não é mais o socorro dos pobres, mas o “computador das faltas” de cada um, que justifica a riqueza dos ricos e a pobreza dos pobres. O Deus que desce para intervir na história humana, agora encontra-se distante.

O Antigo Testamento conhece toda uma literatura de contestação que enfrenta a teologia da retribuição e que rompe com o paradigma de que as realidades de sofrimento são consequência do pecado. Jó, sobremaneira, é expressão do justo que sofre terríveis males e protesta contra a teologia tradicional, pela qual dir-se-ia que Jó sofreu porque pecou. Jó expressa que a realidade da dor e do sofrimento não é oriunda do pecado individual, mas é um mistério que perpassa a existência humana.

A literatura profética revela-nos a face de Deus que se preocupa com os pobres e sofredores. Ele não está distante, como queriam os adeptos da teologia da retribuição, mas está próximo, junto aos que sofrem. O profeta Amós dirige palavras duras a Israel, porque desprezou o pobre e vendeu o justo por dinheiro de iniquidade, esquecendo-se da Lei e da bondade

8 Js 7,6-9; Jz 1,1-4; 2,10-19;

do Senhor, ao libertar o povo dos sofrimentos do Egito.⁹ Miqueias compara as injustiças cometidas contra os pobres com uma imagem antropofágica “eles comem a carne do meu povo, a pele deles, arrancam, seus ossos, eles rompem; os talham como carne na panela, como carne no meio do caldeirão” (Mq 3,3). Entretanto, anuncia o socorro de Deus para os sofredores quando diz “farei da ovelha aleijada um ‘resto’ e da que está exilada, uma nação poderosa” (Mq 4,7). Isaías, sobremaneira, oferece-nos, em quatro cânticos, a imagem do Servo de YHWH. O servo é um homem justo e que, por fidelidade à sua missão, padece a injustiça. Logo as comunidades cristãs identificaram nos cânticos a prefiguração mais perfeita de Jesus Cristo no Antigo Testamento. O servo assume uma função vicária pois “ele assumiu as nossas fraquezas, e as nossas dores, ele as suportou. E nós achávamos que ele era um castigado, alguém por Deus ferido e humilhado” (Is 53,4). O servo rompe, definitivamente, o vínculo “sofrimento – pecado”. Não é feita uma teorização sobre os motivos do sofrimento. Ele é acolhido como uma realidade presente à condição humana.

Jesus Cristo, o servo por excelência, vive em tudo a vida humana (Hb 4,15). Esse viver em tudo a vida humana não lhe isenta dos sofrimentos. Sofre o destino dos exilados (Mt 2,13-18), conhece a fome (Mt 4,2; 21,18 Mc 11,12), chora a morte do amigo (Jo 11,35), teme a dor e morte (Mc 14,34; Mt 26,38) e sofre a injustiça por um tribunal impostor (Mt 26,59-60). Jesus Cristo, o homem das dores, é a resposta de Deus ao sofrimento humano. Não diz ao homem o “por que”, mas indica-lhe o caminho do “como” viver as dores, que são parte constitutiva do existir humano.

A pandemia da Covid-19 recordou-nos da realidade da dor e sofrimento humanos que atingem a todos, pobres e ricos, homens e mulheres. A fragilidade de nossa existência revela-se nos números alarmantes de vítimas fatais. O drama da perda repentina de parentes, amigos e conhecidos assaltou a todos de forma muito dolorida. Francisco torna presente a constituição *Gaudium et Spes* ao recordar que os sofrimentos e alegrias da humanidade são os sofrimentos e alegrias da Igreja.¹⁰ A realidade que se apresenta é totalmente nova e impactante. Não aceita “respostas casuísticas nem de manual”.¹¹

Francisco resgata a experiência bíblica e percebe que nas dores da humanidade, podemos fazer a experiência da proximidade de Deus. Essa experiência, entretanto, não é uma realidade estática, hermética e tradicional. Essa experiência é surpreendente, aberta e renovadora. A experiência do encontro com Deus nos sofrimentos da existência produz uma dupla transformação: uma transformação da imagem de Deus que temos e uma transformação da imagem que temos de nós mesmos.

9 Am 2,6-16; 4,1-3; 5,10-13; 8,4-8

10 *Gaudium et Spes*, n.1

11 Francisco. *Lettera del Santo Padre Francesco ai Sacerdoti della Diocesi di Roma*. <[Lettera del Santo Padre Francesco ai Sacerdoti della Diocesi di Roma \(vatican.va\)](https://www.vatican.va/press/lettera-del-santo-padre-francesco-ai-sacerdoti-della-diocesi-di-roma-2020-04-01.html)> acesso em: 04 de abril de 2021.

Em primeiro lugar, supera-se uma imagem meramente cultural de Deus. “O Senhor Ressuscitado não buscou uma situação ideal para irromper na vida dos discípulos.”¹² O Ressuscitado se faz conhecer nas vicissitudes da vida, nos sofrimentos e alegrias dos homens e mulheres de todos os tempos. Não é uma entidade estática, mas um Deus de amor, que ouve o lamento do povo e por isso desce para intervir. É impossível não nos recordarmos da experiência do Jó sofredor que exclama “sei que meu redentor está vivo” (Jó 19,25). O Ressuscitado se faz reconhecer pelos discípulos em meio a dor e luto para fazer-lhes entender que, doravante, não há mais separação entre o sagrado e o profano. A Ressurreição de Cristo inaugura um tempo novo onde o Ressuscitado caminha no meio do seu povo. O tempo propício, com efeito, é o “Hoje” da história, o dia-a-dia dos homens e mulheres. É na vida ordinária que o Ressuscitado se permite encontrar.

A nova imagem de Deus produz no fiel, imediatamente, uma nova imagem de si, dos demais e do mundo. Se não há mais uma separação do “sagrado e profano”, se Deus está no meio de seu povo onde quer que seu povo esteja, então o lugar privilegiado para anunciar a boa notícia é todo o lugar. Aqui insere-se, mais uma vez, o mandato do Ressuscitado: “como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,22). As dores dos irmãos e irmãs sofredores tornam-se as dores dos discípulos de Cristo. Aqui insere-se o cuidado com toda a realidade criada, pois, Francisco nos recorda em *Laudato Si* que o “ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto” (LS. 48). As forças da natureza seguem seu curso e nos recordam que, apesar de guardiões da criação, não somos seus donos e nosso domínio sobre o mundo é limitado. “A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas” (LS. 66). A pandemia da Covid-19 torna mais urgente o apelo por uma “Ecologia Integral”, que compreenda que os problemas de cada um é o problema de todos e que o justo equilíbrio e superação da crise sanitária e econômica só é possível mediante a descoberta da cidadania universal de todos os viventes.

CONCLUSÃO: DA PÁSCOA DE CRISTO À PÁSCOA DA HUMANIDADE

O Evangelista João, em sua narrativa da ressurreição, apresenta o episódio de Tomé, que não faz a experiência da ressurreição, pelo fato de estar ausente do grupo dos discípulos. Seu isolamento não o permitiu ver o Ressuscitado e, por isso mesmo, não pode acreditar quando os demais lhe disseram: “nós vimos o Senhor” (Jo 20,25). Tomé não viu as mãos e o lado de Jesus como os demais discípulos haviam visto (Jo 20,20) e, por isso, exclamou: “se eu não vir a marca dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos, se eu não puser a mão do seu lado, não creerei” (Jo 20,25b). Uma semana depois, entretanto, Tomé estava com eles e, junto com seus irmãos, faz a experiência do Ressuscitado, podendo, assim, tocar em suas chagas.

12 Ibid. *Ibid.*

Tomé só pôde fazer a experiência da ressurreição quando esteve na comunidade, junto com seus irmãos. Francisco nos recorda, em sua carta, que a ressurreição não é um episódio do passado, mas uma realidade fontal que permanece para sempre na Igreja. Só poderá crer na ressurreição aquele que ver e tocar nas feridas das mãos do Cristo e em seu lado chagado. Entretanto, após a ressurreição, Cristo faz da Igreja seu corpo histórico. Tocar nas chagas do Ressuscitado só é possível se tocarmos nas chagas dos irmãos e irmãs, pois são eles que constituem o corpo do Ressuscitado. E só será possível tocar nas chagas do Ressuscitado se reconhecermos o próximo como nosso irmão e irmã, e com ele permanecer.

É a fé que nos permite romper com esquemas meramente rituais e transformar a fé que professamos em vida para todos. A crise da pandemia da Covid-19 é oportunidade de recordar que a Ressurreição de Cristo instaura um tempo novo, onde Deus mesmo caminha junto a seu povo e se deixa encontrar nas suas dores e alegrias. A experiência da Ressurreição a partir das chagas dos irmãos e irmãs sofredores e sofredoras poderá ser momento de revisão da caminhada eclesial. Francisco adverte para que todos aprendamos do Povo de Deus a resiliência de “sempre encontrar o caminho para socorrer e acompanhar ao que está caído”.¹³

Fazer uma leitura pascal da pandemia consiste em crer que “as coisas podem mudar”.¹⁴ Esta mudança, entretanto, não é uma mágica instantânea, mas um processo, uma passagem, uma caminhada. É preciso deixar-se transformar pela Ressurreição de Cristo para nele ser inserido em um povo novo, povo de irmãos, que reconhece no que sofre o Cristo sofredor, e por isso lhe estende a mão. A Páscoa de Cristo deve ser vivida na páscoa da humanidade. Em cada homem e mulher que é acolhido em suas dores e que vive o processo de saída do fechamento de si para a abertura para os outros, aí acontece Páscoa, passagem, da morte para a vida. É sair de si para encontrar o outro e no outro encontrar o sumamente Outro.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI, *Discurso durante o encontro com o Episcopado Brasileiro* (Catedral de São Paulo – Brasil, 11 de Maio de 2007), 3: AAS 99 (2007), 428.

BÍBLIA. *Tradução Oficial da CNBB*. Brasília: CNBB, 2019.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Paulus: São Paulo, 1997.

CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Paulus: São Paulo, 1997.

FRANCISCO. *Lettera del Santo Padre Francesco ai Sacerdoti della Diocesi di Roma*. <<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2020/05/30/0307/00689.html#es>> acesso em: 04 de abril de 2021.

13 Ibid. *Ibid.*

14 Ibid. *Ibid.*

_____. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano 2013. <www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html> acesso em: 04 de abril de 2021.

_____. Carta Encíclica *Laudato Si'* do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum. Vaticano 2015. < http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html> acesso em: 04 de abril de 2021.